

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

208
B

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL



Q U E R I D O P A P A I

LUIZ MENEZES PEDUTO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

QUERIDO PAPAI

Luiz Menezes Peduto.

Peça em 2 atos e 5 cenas.

Personagens:

O PAI : Senhor de 50 anos, paralítico, usando muletas. Ligeiramente perturbado emocionalmente.

A FILHA : Moça de 21 anos, feia (que poderia ser bonita, se se arrumasse), humilde aparentemente.

O FILHO : Rapaz de 22 anos, estudante rebelde e autoritário. Completamente sem moral.

Cenário

Uma casa velha em estado de decomposição. Infiltrações e paredes descascando, sala de estar. Num canto duas camas pobres. No meio uma mesa com três cadeiras. 4 portas. Uma para a cozinha, outra para o banheiro, outra para o quarto e a outra é a porta de entrada. Uma janela e ao lado uma mesa com muitos livros.



QUERIDO PAPAI:



(Abre o pano. Luiz e Helena estão dormindo. Toca o despertador. Helena dá um tapa no relógio e torna a deitar.)

HELENA - Você está acordado?

LUIZ - Estou.

HELENA - Será que ele vai ter outro ataque? Eu não aguento mais.

LUIZ - Sei lá.

HELENA - Sabe, eu não sei se vou aguentar muito tempo mais esse tipo de vida. Já basta mamãe ter morrido e deixado a gente para cuidar dele.

LUIZ - Por que ele não morre logo? Deus devia ter pena dele. E de nós também.

HELENA - E você acha que ele lá em cima liga pra gente como nós? Que nada.

LUIZ - Sabe, mana, eu ainda não fui embora por sua causa. Ele iria infernar a sua vida.

HELENA - (levanta-se e entra no banheiro. Sai com uma escova da mão.) Você não pode me deixar sózinha aqui. Você não pode me abandonar.

LUIZ - Não se preocupe, eu não vou não.

HELENA - (Entra no banheiro.) Você me deu um susto (Luiz começa a arrumar a cama.) Eu já morro de tédio quando você vai para a escola (sai do banheiro). Eu não sei o que faria sem você (Os dois se abraçam.)

LUIZ - Nem eu. (Alisa o cabelo da irmã.) Eu também não sei o que faria sem você. (Se afastam e começam a colocar a mesa.)

HELENA - Nossa. Acabou o café.

LUIZ - Não precisa ficar tão nervosa.

HELENA - Você sabe como é que ele fica quando falta qualquer coisa. Principalmente café. Como é que eu pude me descuidar? Eu tenho certeza de que tinha um quilo de café novinho. Não entendo.

LUIZ - Isso acontece.

HELENA - Comigo nunca. Ele vai...

LUIZ - Pare com isso. Pare de pensar nele. Não tem café e pronto. Não tem, não tem. Não se pode fazer nada. Dá outra coisa para ele.

HELENA - Não posso. Não posso. Tem de ser café. Ele só toma café. (Muito nervosa.)

LUIZ - Está bem. Eu vou descer e comprar o bendito café. Agora fique calma.

HELENA - Tomara que ele não acorde antes de você chegar.

LUIZ - Não se preocupe. A padaria é bem aqui em frente. Ele não vai acordar. (Sai.)

(HELENA corta o pão. Arruma a bandeja e entra na cozinha. Luiz volta, vai até sua cama e tira de debaixo dela um pacote de café. Vai para a porta e sai novamente.)

(Nervosa sai da cozinha e olha pela janela. Luiz volta.)

LUIZ - Pronto. Aqui está o seu café.

HELENA - Obrigada. (Entra na cozinha.)

LUIZ - (Vai até a cama pega um livro e lê.)

HELENA (Off.) Ainda bem que a água já estava fervendo (Entra na sala.) Você tem prova hoje?

LUIZ - Não. Depois de amanhã.

HELENA - De quê?

LUIZ - Física (Ouve-se um barulho no quarto.) Acordou.

OS DOIS - 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14...

PAI - (Off.) Helena... Helena.

HELENA - Puxa! Ele hoje demorou.

LUIZ - Faz ele esperar.

HELENA - Você está louco?

PAI - HELENA.

LUIZ - Não responde.

HELENA - Deixa eu ir.

LUIZ - Fica quieta.

HELENA - Me deixa em paz. Já vou papai, já estou indo.

LUIZ - (Helena sai.) Ele tem de morrer. Velho cretino. (Vê as muletas num canto. Apanha-as.) Se eu as quebrasse ele não poderia / mais andar.

PAI (Off.) LUIZ.

LUIZ - Vai para o diabo. Eu não vou.

PAI - LUIZ... LUIZ.

(LUIZ - Senta-se.)

PAI - LUIZ (Entra Helena.)

HELENA - Você não ouviu?

LUIZ - CLARO QUE OUVI.

HELENA - Você não vai entrar?

LUIZ - Não, não vou.

HELENA - Mas, ele está te chamando.

LUIZ - Que chame.

PAI - LUIZ.

HELENA - Acho bom você ir.

LUIZ - Ele que se dane.



HELENA - Por favor, mano. Eu não quero que ele faça com você...
Você sabe o que.

LUIZ - Não se preocupe. Nunca mais ele vai fazer aquilo comigo.

PAI - Helena. Traga as minhas muletas.

HELENA - (Apanha as muletas.) Você não vai?

LUIZ - NÃO, Não vou. (Helena sai.) Luiz pega um cigarro e fuma nervosamente.) Ele nunca mais vai deixar-me sem comer. Ele nunca mais vai colocar aquelas mãos imundas em cima de mim. Nunca mais. (pega o livro e começa a estudar. Larga o livro. Vai até a janela.)

HELENA - (Off.) Cuidado, papai. Vai devagar.

(LUIZ torna a pegar o livro e senta-se correndo na mesa enquanto Helena entra com o pai. Continua lendo sem se importar com o que está se passando. O Velho vai até a mesa e senta-se.)

PAI - Você não ouviu eu te chamar?

LUIZ - Quando eu estudo não escuto nada.

PAI - Nada?

LUIZ - Nada.

PAI - Nem a voz do seu pai. ???

LUIZ - Nem a voz de meu pai.

PAI (Sarcástico.) HUMMMM!!! Viu só Helena. O garoto é surdo. Não escuta nada.

HELENA - Ele está estudando.

PAI - Estudando. Não me faça rir. Estudando para quê? Esse aí / nunca vai chegar a ser nada.

HELENA - O senhor está enganado. Ele é muito inteligente.

PAI - Que bonito. Está vendo? Sua irmã diz que você é muito inteligente. Você ouviu???

LUIZ - (Levanta-se e senta-se na cama.) Ela sabe o que diz.

PAI - Não diga!

HELENA - Sei sim pai. Ele estuda muito. Vai ser advogado. (Apanha o livro do irmão.) Está vendo? É física. Muito difícil. Apósto que ele sabe tudo o que está aqui dentro.

PAI - Bobagem. Ele tem o caráter da mãe.

HELENA - Não fale nela.

PAI - Falo sim. Tenho todo o direito.

LUIZ - Velho nojento.

PAI - Falo dela o que bem quiser. E você é igualzinho a ela. / Frio. Mesquinho.

HELENA - Mamãe não era nada disso.

PAI - Era. Era sim. Vocês não a conheceram direito. Não sabem e nem imaginam como ela era.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



LUIZ - O senhor a conheceu numa festa. Ela morava longe. O senhor foi buscá-la, trouxe-a para o Rio e casaram-se.

PAI - Quem contou isso para vocês? Foi ela?

HELENA - Ninguém nos contou nada. Nós sabemos de tudo.

LUIZ - Nós descobrimos tudo.

PAI - Pois saibam que é tudo mentira. Ela era uma qualquer e a festa que vocês se referem foi na zona. Ela era uma vagabunda / ordinária e feia.

LUIZ - Ela não era feia.

PAI - Era feia sim. Quando vocês nasceram ela já estava melhor. Mais bem cuidada, mais bem educada.

HELENA - Mamãe sempre foi uma pessoa fina.

PAI - Fina! Desculpe-me, minha filha. Ela era tudo, menos fina.

LUIZ - O senhor quer manchar a honra dela. Quer que a gente odeie ela.

PAI - HONRA! AH!AH!AH!...

LUIZ - O senhor quer que a gente não se lembre dela. É isso. O senhor tem raiva disso. Não vai conseguir nada. Eu tenho um retrato tem que ela está linda.

PAI - É mentira. Eu destruí todos os retratos dela. Não sobrou nenhum.

LUIZ - Não! Espere só. Já vou mostrar (Procura o retrato dentro de um livro e não consegue achar. Fica apavorado.) Eu tenho certeza de que o coloquei aqui. Você viu, não viu, Helena?

HELENA - Vi sim.

PAI - Vocês estão mentindo.

HELENA - Não estamos, não. Ele tem um retrato dela (Luiz continua procurando.)

LUIZ - Tenho de achar. Tem de estar por aqui.

PAI - Você não vai achá-lo nunca.

LUIZ - Claro que vou.

PAI - Não vai não.

LUIZ - O que foi que o senhor fez com ele?

PAI - Eu! Nada.

LUIZ - Sim. O senhor. Está muito seguro de si. Tenho certeza de que foi o senhor que o apanhou.

HELENA - É sim. Só pode ter sido o senhor. Vive remexendo as nossas coisas quando a gente sai. O senhor nunca gostou de nós, nunca.

PAI - É verdade. Nunca gostei. E como poderia?

HELENA - Por que então casou com ela?



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

LUIZ - E. Por quê?

PAI - Ela me deixou louco. Tinha um corpo lindo. Não tinha educação, é verdade. O que eu mais gostava nela eram os seios. Eles eram lindos, redondinhos, durinhos e pequenos (Para Helena.) / Iguais aos seus.

HELENA - Não fale assim.

PAI - Mas é verdade. Venha cá. Chegue mais perto.

HELENA - Não. Não vou.

PAI - Eu já disse para você vir aqui.

HELENA - Eu não quero ir. Eu não quero fazer isso novamente.

PAI - E por que não?

LUIZ - Vai logo. Você gostou da outra vez.

HELENA - Por favor, Luiz. Não me obrigue. Eu não quero ir.

PAI - Vem logo e deixa de frescura. Venha, já disse.

LUIZ - Anda. Vai logo (Helena se aproxima do velho. Quando esse a vai tocar, Luiz a puxa para longe.) Seu velho nojento.

PAI - Faça ela vir até aqui.

LUIZ - Faça nada. O senhor devia é ter vergonha nessa cara.

PAI - Eu quero que ela venha até aqui.

LUIZ - Ela só vai se o senhor me der a chave do cofre.

PAI - Nunca.

LUIZ - Vamos ver. (Apanha Helena e vira-a de costas para o velho. Abre a blusa da irmã e alisa seus seios.) O senhor tem razão. Eles são lindos. Redondinhos.

PAI - Pare com isso. PARE.

LUIZ - São mais bonitos que os da mãe. São tão...

PAI - Está bem. Aqui está a chave (Joga a chave na mesa.)

HELENA - Você conseguiu. Você conseguiu. (Luiz apanha a chave e entra no quarto.)

PAI - Agora vem. (Helena se aproxima e o velho a alisa nos seios. Helena ri muito.)

HELENA - AH!AH!AH!.. Velho nojento. Então você me acha parecida com ela, hein, sou muito parecida, não é? (Vai até a cama e tira uma fotografia.) Sabe, eu não me acho parecida com ela. O senhor tá é maluco.

PAI - Me dá esta fotografia.

HELENA - Dou nada. É do mano (Coloca a fotografia dentro de um livro.)

PAI - Venha cá... Venha cá.

HELENA - Quer tirar um sarrinho, não é? Pois bem: o que é que eu vou ganhar?



LUIZ - (Entrando.) Aqui está o dinheiro. Está vendo só. Eu tenho de sair. Você quer alguma coisa? Não... não precisa me dizer. Eu já sei o que é. Pode deixar que eu trago.

HELENA - Trás outra caixa de remédio para ele.

LUIZ - Outra?

HELENA - Outra. Aquela já está no fim.

LUIZ - Está bem (Beija a irmã. Joga a chave na mesa.) Aí está a chave (Sai.)

HELENA - (Fecha a porta aliviada.) Onde é que nós estávamos mesmo?

PAI - Venha cá, minha filha. Sente-se aqui perto de mim. (Helena senta.) Você poderia ter muito mais que o seu irmão tem. O dinheiro que eu tenho no cofre não é nada.

HELENA - De novo, papai. O senhor não desiste. Eu já disse...

PAI - Não é nada disso. Eu quero você só para mim. Quero que você cuide de mim. Não quero repartir você com ninguém.

HELENA - Você está é maluco. Louquinho da silva. Eu amo meu irmão. Eu adoro ele.

PAI - Pare de falar nele. O que é que você quer? Fale, eu dou.

HELENA - Eu queria que o senhor mandasse consertar essa casa. Ela está caindo aos pedaços. Eu quero que ela fique como a nossa casa antiga. Linda, muito linda. Toda atapetada e cheia de quadros. O senhor se lembra como era, não se lembra? O senhor se lembra / das festas que a gente dava? Quanta gente ía. Eu não sei porque o senhor veio para cá. O senhor faz isso? Bota a casa bonita como quando mamãe era viva?

PAI - Você gostava muito dela, não é?

HELENA - Muito. Muito mesmo.

PAI - Que pena.

HELENA - Espera aí. Tenho uma surpresa para o senhor.

PAI - O que é?

HELENA - Se eu disser deixa de ser surpresa.

PAI - Deixa de bobagem. Diga logo.

HELENA - Eu já volto. (Tira de debaixo da cama um embrulho e entra no banheiro.)

PAI - Você não vai me dizer o que é?

HELENA - (Off.) Não. O senhor já vai ver. Tenho certeza de que vai gostar.

PAI - Sua mãe costumava fazer a mesma coisa. Nesse tipo de brincadeira ela era ótima. Tinha muita imaginação. Vivia inventando das suas.

HELENA - Só mais um pouquinho.



PAI - Estou morrendo de curiosidade. Anda logo com isso.

HELENA - Pronto (Aparece vestida de noiva.)

PAI - O que é isso? Quem te deu isso?

HELENA - Ninguém me deu. Ele não é lindo. Todo de seda. O véu está um pouco amarelo, mas, é porque está guardado lá muito tempo.

PAI - Onde foi que você arrumou isso?

HELENA - O senhor não gostou? (Rodopia.) Eu pensei que o senhor fosse ficar satisfeito. Quer ver como ela andava? (Anda imitando a mãe.) Quer ver como ela ría? (Anda pela sala rindo.)

PAI - Pare com isso.

HELENA - Ora papai. O senhor não se lembra dela?

PAI - PARE COM ISSO... PARE COM ISSO...

HELENA - O senhor é mesmo um desmancha prazeres. Eu guardei esse vestido de mamãe esse tempo todo só para agradar o senhor e agora o senhor fica gritando comigo. Você é muito egoísta.

PAI - Você não entende? Eu não quero nunca mais me lembrar dela. Eu quero esquecê-la.

HELENA - Por quê?

PAI - Eu a amei. Amei muito...ela fez de mim o que quis... até / que...

HELENA - Até que o quê?

PAI - Nada... nada. Tira esse vestido.

HELENA - Não tiro não. É meu. Foi ela que me deu.

(PAI (Apanha as muletas e tenta pegar Helena.)

HELENA - Não adianta. O senhor não tem pernas para correr atrás de mim.

PAI - Eu vou destruir esse vestido.

HELENA - Vai Nada. Duvido.

PAI - (Cansado, senta na cama.) Pernas...pernas. Sua cadela.Você tinha de falar nisso, não é?

HELENA - O senhor quis me agredir. Eu tenho de me defender.

PAI - Vocês foram os culpados. Você e seu irmão.

HELENA - Não tivemos culpa de nada. Se ela estava bêbada aquela noite, não foi por nossa culpa.

PAI - Foi sim. Vocês a embriagaram.

HELENA - Mentira. Ela pediu para beber. Implorou.

PAI - Vocês sabiam que ela não agüentava bebida. Vocês sabiam que ela era muito fraga de vontade.

HELENA - Ela queria beber. Implorou. Eu não pude mais vê-la sofrer. Nem eu nem o mano.

PAI - Mentirosa.

HELENA - Não estou mentindo não. O senhor é que não devia ter deixado ela entrar no carro.

PAI - Eu tinha de levá-la a um médico. Esta estava morrendo.

HELENA - Exagero. Morrendo nada.

PAI - Ela estava morrendo sim.

HELENA - Não estava não. Ela já tinha tido aquele tipo de ataque muitas vezes. O senhor bem sabe disso.

PAI - Não. Aquela noite foi diferente. Eu senti que ela ia morrer. Eu tinha de fazer alguma coisa. Foi por isso que eu entrei no carro com ela.

HELENA - Aí bateu. O senhor dormiu no volante e bateu.

PAI - Eu não dormi. Desmaei.

HELENA - Não interessa. Você bateu. BATEU. BUMMM. Bateu.

PAI - Bati. Bati.

HELENA - E ela morreu. Ficou lá dura, esticada, fria. O senhor a matou.

PAI - Não, não a matei. Foi um acidente.

HELENA - Que acidente, que nada. Você já estava cheio dela. Queria se livrar dela e aproveitou a chance. Eu me lembro que você disse que um dia a mataria e foi o que o senhor fez.

PAI - Pare de me acusar. Quer botar a culpa em cima de mim.

HELENA - Essa é boa. (Começa a imitar a mãe.) Não é assim que ela fazia? Roberto. Não é assim que ela o chamava? Ora Roberto, estou chegando tarde porque me perdi na rua. Se perdeu na rua. Nunca vi mentira mais boba.

PAI - PARE COM ISSO.

HELENA - Meu querido Roberto, você não dá mais no couro. Está brocha.

PAI - Ela nunca disse isso.

HELENA - Disse sim. Nós escutamos aqui da sala. Morremos de rir. O senhor não se lembra do dia que eu e Luiz morremos de rir na mesa e tivemos de abandonar a refeição? Pois é. Nós nos lembramos do brocha.

PAI - Você me paga, sua peste. Você vai se arrepender disso. Eu não vou mais ajudá-la. Não vou mais te dar nada. NADA.

HELENA - NÃO! Não diga. (Vai para longe e começa a desabotoar o vestido, cantarolando.)

PAI - Você é uma víbora (Levanta-se.) Eu vou pegá-la. Eu vou... (Cai no chão.) eu... eu...

HELENA - O que foi? Perdeu o equilíbrio?

PAI - O meu remédio... O meu remédio.

HELENA - Velho fingido. Eu não caio nessa não. Velho nojento.

PAI - Por favor... Helena... O... meu remédio.





HELENA - É verdade mesmo? Você está mesmo passando mal? Não quer me tapear?

PAI - Anda logo... por favor... por... favor...

(HELENA sem pressa nenhuma vai até a cozinha e volta com um copo e um vidro de remédio. Começa a pingar as gotas.)

PAI - Anda logo...depressa.

HELENA - (Calmamente.) Pronto. Aqui está. 20 gotas.

PAI - (Apanha o copo e bebe depressa. Respira fundo.) Me... ajuda a entrar... no quarto (Helena ajuda ao velho e o coloca no seu quarto. Volta. Apanha as muletas e leva-as para o quarto. Volta.)

HELENA - Deitou e dormiu. Velho dos diabos. Pensei que dessa vez ele fosse. (Começa a tirar o vestido com raiva.) Vestido nojento. Não serviu para nada. Eu ainda faço ele ter um ataque daqueles. Eu ainda faço ele morrer. Juro que o mato. Juro.

BLACK - OUT

2º QUADRO

(Luiz entra meio tocado. Esbarra na mesa e cai um livro. Helena acorda.)

HELENA - Luiz?

LUIZ - Psiu. Sou eu mesmo.

HELENA - É tarde. Onde é que você foi?

LUIZ - Andei por aí. Rodei um pouco pelas ruas.

HELENA - Você bebeu, não é?

LUIZ - Um pouco.

HELENA- Você sabe que não pode beber.

LUIZ - Eu sei. Eu sei. Mas, fiquei pensando no que ele disse sobre mamãe.

HELENA - VOCÊ AINDA ACREDITA NELE. Você sabe muito bem que ele gosta de destruir a imagem que nós temos de mamãe. Ele sabe que esse é o nosso ponto fraco e aproveita para nos irritar.

LUIZ - E consegue. Eu ainda não tenho defesas contra isso. A minha vingança é que aos poucos ele vai pagando por isso.

HELENA - Você esteve com ele?

LUIZ - Ele?

HELENA - Deixa de fingimento. Ele sim.

LUIZ - Não., não estive.

HELENA - Você só fica perturbando assim quando vai visitar ele.

LUIZ - Fala baixo. Está bem. Estive com ele sim.



HELENA - E o que foi que aconteceu?
LUIZ - O que sempre acontece.
HELENA - Você jurou que ia acabar com isso.
LUIZ - Eu sei, mas não posso. Ele sabe de tudo. Sabe o que fizemos com o médico. Ele viu a gente se livrar dele. Ele viu quando gente jogou ele na frente do trem.
HELENA - Mas afinal o que é que quer? Você já não dá dinheiro para ele? O que é que ele quer mais?
LUIZ - Você quer mesmo saber?
HELENA - Claro que quero. Você ainda pergunta?
LUIZ - Bem... é que... ele quer.
HELENA - Deixa de rodeios e diz logo.
LUIZ - Ele disse que quer você e...
HELENA - EU!?
LUIZ - É você. E tem mais.
HELENA - O quê?
LUIZ - A mim também. Ele quer nós dois.
HELENA - Nojento, Filho da mãe.
LUIZ - Ele disse que se a gente não resolver até amanhã, ele vem aqui e conta tudo para o velho...
HELENA - Ele não tem coragem. Duvido.
LUIZ - Pois eu não. Ele é muito esperto. Não confia em ninguém. - Eu não sei não. Tenho medo que ele conte tudo ao velho.
HELENA - Me dá o endereço dele.
LUIZ - Pra quê?
HELENA - Não discute. Me dá.
LUIZ - Me dá uma explicação. O que é que você vai fazer?
HELENA - Vou falar com ele. Se ele quiser eu me deito com ele. - Só não quero que ele venha estragar tudo.
LUIZ - Toma cuidado com ele. Eu se fosse você, não iria.
HELENA - Você quer que ele diga ao pai que a gente dá remédio pra ele que ele não precisa tomar. Você quer que o velho saiba que está enfraquecendo aos poucos graças a esse remédio. Papai psicologicamente já depende desse remédio. É só se exaltar um pouco que logo me pede uma dose.
LUIZ - Ele passou mal hoje?
HELENA - Passou. Graças a mim.
LUIZ - O que foi que você fez?
HELENA - Nada. Uma brincadeira sem graça alguma.
LUIZ - Ele está dormindo.
HELENA - Claro que sim. Eu dei vinte gotas.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



LUIZ - A bula diz para dar somente dez gotas.

HELENA - Pois é.

LUIZ - Entendi. Não tem perigo?

HELENA - Não. Claro que não. Trouxe o remédio?

LUIZ - Não. Só com a receita.

HELENA - Vamos ter de falsificar novamente a receita. (Os dois acendem a luz da mesa e começam a falsificar a receita.)

HELENA - Acho que a gente devia fazer com esse cara o mesmo que fizemos com o médico.

LUIZ - Vai ser difícil. Ele não é bobo.

HELENA - Pode ser. Mas não custa tentar.

LUIZ - Vamos fazer o seguinte. Eu convido-o para vir aqui. Digo que você concordou com tudo. Tenho certeza que ele vem.

HELENA - Você acha melhor assim?

LUIZ - Claro. Aqui a gente bota ele de fogo e depois dá sumiço nele.

HELENA - Está bem. Acabou?

LUIZ - Acabei.

HELENA - Agora vamos dormir. (Os dois se deitam. Luiz tem um sono perturbado. Levanta-se e começa a divagar.)

LUIZ - Por favor, mamãe, me perdoe. Não. A senhora não pode me acusar disso. Não pode. Não fui eu que escrevi aquela carta contando tudo a papai. Juro que não fui eu. Sabe, quem sabia de tudo era Helena. Ela viu quando a senhora se encontrou com ele naquela pensão. Foi ela que me contou. Eu não podia fazer isso com a senhora. A senhora sabe que eu sempre gostei da senhora. Eu não podia fazer isso, não podia. O velho? Não se preocupe. - Ele vai morrer dentro em pouco. Eu e Helena estamos dando remédio para ele. Aos poucos ele vai enfraquecer e pronto. Eu jurei para a senhora que ele ia pagar tudo o que lhe fez. Eu jurei, - não jurei? Sim, estou cansado. A senhora jura que vai aparecer para mim? Jura. Está bem. Eu vou dormir como a senhora quer. Eu já vou (Deita na cama.) Boa noite, mãe. (Dorme.) (Helena vira-se e ri.)

FIM DO PRIMEIRO ATO

2º ATO



(Abre o pano. Helena está em cena.)

HELENA - Papai... eu vou fazer compras. O senhor vai ter de ficar sózinho por meia hora. Escutou, papai?

PAI (Off.) Escutei. Não demora.

HELENA - Só o necessário (Sai.)

(Existe um período de silêncio. O telefone toca insistentemente. Pára.)

PAI - (Entrando.) Que droga. Logo agora que eu me levantei ele pára de tocar. Droga. (Examina os livros do filho e apanha a fotografia.) Você era realmente muito bonita. Para mim, você era bonita. Por que é que você teve de fazer aquilo com aquele sujeito? Eu não te bastava, não é? Você nunca pôde ter um só homem, - não é?... Ouviu só o que eles dizem? Que eu te matei de propósito... Não... não voi verdade. Ou foi? Você não poderia ter feito o que fez. Não tinha o direito de fazer nada contra mim, nada. - Brocha. Até isso você disse para mim... até isso. Ah! como você era gostosa... Como sua pele era lisa, aveludada... como (Rasga a fotografia.)... Você era uma puta... uma puta. Não adianta a gente querer mudar o íntimo das pessoas. Eu tentei... tentei... Não quero mais lembrar-me de voce... nunca mais... nunca mais. - (Toca o telefone.)... Alô, alô... quem está falando? Sim... é ele. Não... não está. Também não. Comigo? Mas, o que é que o senhor quer falar comigo? Pode dizer... Sim... estou escutando. O QUÊ?... Qual deles? É mentira. meu filho é muito homem... o senhor está mentindo. Quem é que está falando? E por que não? É claro que eu quero saber. O senhor não pode fazer uma acusação / dessas e não se identificar. Eu não acredito numa palavra do que o senhor está dizendo. Ainda tem mais? O quê? O senhor é um louco... um tarado... (Desliga o telefone.) Meus filhos. Não pode ser verdade. Ele está mentindo. Eu não acredito. (Senta e fica / pensando.) (Entra Luiz.)

LUIZ - O senhor está aí, é?

PAI - Estou sim, O que tem isso?

LUIZ - Seu lugar é no quarto. É lá que você tem de ficar.

PAI - Eu fico onde bem entendo. Você veio da escola?

LUIZ - Vim sim, por quê?

PAI - Conseguiu alguma coisa? O inteligente passou nos exames?

LUIZ - Não é da sua conta. Vai pros diabos (Vai até a cama.) Seu sacana. Eu sabia que tinha sido você que havia apanhado a minha fotografia. E o senhor tinha de destruí-la, não é? O senhor não presta. Não presta. Não vale nem um vintém. Meio vintém. Metade



homem, metade gente. Um sujo... anormal.

PAI - Eu é que sou anormal, é?

LUIZ - É anormal, sim. De muletas. Mutilado. O que é que o senhor acha de não ter pernas? Qual é a sensação?

PAI - Eu sou aleijado, sim. Mutilado. Sem pernas. Mas, sou normal, muito normal. Você não, é um viado.-

LUIZ - Eu o quê?

PAI - Viado. Anormal. Safado.

LUIZ - Que história é essa agora? O senhor tem de ter a última palavra, não é? Não pode perder, não é?

PAI - Deixa de fingimento. Eu sei de tudo. De você e de sua irmã. Que santinhos.

LUIZ - Acho melhor explicar tudo direitinho. O senhor sabe o quê? O quê?

PAI - Telefonaram-me há pouco. Um sujeito.

LUIZ - (Nervoso.) Que sujeito?

PAI - Não sei. Não quis dizer quem era, mas, me contou tudo sobre você e Helena.

LUIZ - O senhor está inventando tudo isso. Eu conheço o senhor. É diabólico. Não pode perder nunca.

PAI - É para isso que você tirava todo aquele dinheiro do cofre. Para dar para ele...

LUIZ - O que foi que ele falou? Que mais que ele disse?

PAI - Então é verdade. O cara existe mesmo, não é?

LUIZ - Não sei. O senhor é que está dizendo.

PAI - Sua curiosidade o traiu. Você está com medo.

LUIZ - Eu não estou com medo. Eu quero saber até onde o senhor vai com a sua imaginação. Eu quero saber até onde o senhor é capaz de chegar para não sair perdendo.

PAI - Você não me engana. Se traiu está tentando me embulhar. Sabe o que ele me disse: disse que você dorme com ele. Que você dá para ele...

LUIZ - É mentira. Eu nunca fiz isso com ele.

PAI - AH! seu nojento... é verdade...

LUIZ - Não, não é verdade. O senhor está errado... o senhor está tentando me atrapalhar. Eu nunca fiz isso, nunca.

PAI - E o que é que você fez então, hein? Você gosta disso, é? Eu é que sou anormal? EU?

LUIZ - O senhor sim. Só um anormal é que pode acreditar numa coisa dessa dita por um estranho.

PAI - Não é tão estranho assim, como você está dizendo. Você sa



be que eu detestô veado. Você sabe que eu detesto bicha. E você é bem capaz de fazer isso só para me machucar, para me destruir.

LUIZ - É isso mesmo. Os psicólogos dizem que a gente é o reflexo dos pais, que a gente é a parte escondida da personalidade / dos pais.

LUIZ - Você quer saber como começou? Preste atenção: Você se lembra quando a gente vivia naquela casa grande, com jardim, piscina e tudo mais? Lembra do José, o jardineiro? Esse mesmo, o português. Foi ele o primeiro. Ele me convidou para o quarto de ele uma tarde. Lá ele se encostou em mim. Me alisou. Passou suas mãos nas minhas pernas. E sabe o que eu senti: prazer. Eu gostei daquilo...

PAI - Eu sabia que ele não prestava...

LUIZ - Ele não foi o culpado não. Eu fui ao quarto dele porque eu quis. Eu fui para desafiar o senhor, que não deixava a gente se misturar com os empregados. E eu gostei. Tanto gostei que voltei lá outras vezes, até que o senhor me mandou para o colégio interno.

PAI - Foi sua mãe que quis...

LUIZ - Não foi não. O senhor descobriu tudo e quis me afastar / dele. Mas no colégio foi muito melhor. Eu tinha mais liberdade. Eu podia fazer o que queria.-

PAI - Pare com isso. Eu não quero escutar mais.

LUIZ - Pois vai escutar tudo, tudinho. Até o fim.

PAI - Não vou não. Deixe-me passar para o quarto. (Luiz vai até a porta do quarto, tranca-o a chave e coloca a chave no bolso.) Me dê essa chave.

LUIZ - Só quando eu terminar. (O pai começa a andar pela sala.) Não adianta o senhor tentar não escutar. No colégio eu conheci o resto que faltava conhecer sobre o assunto. (O pai continua andando pela sala.) Você não vai agüentar muito, vai cansar logo. Fiz o diabo no colégio. Lá eu encontrei gente que me compreendia, que me dava carinho, que me dava tudo que você nunca me deu. (O pai senta-se e tapa os ouvidos com as mãos.) Eu sei muito bem quem telefonou, claro que sei. Eu dou dinheiro para ele porque ele me dá felicidade. (Tira as mãos do pai do ouvido). O senhor está escutando, não está? Eu sou viado sim. Graças ao senhor.- Eu sou o que o senhor sempre teve medo de ser.

PAI - (Num gesto brusco empurra Luiz.) Você não é meu filho. Você é o retrato de sua mãe. Ela era uma vagabunda e você saiu igualzinho a ela. Toda a sujeira que tem dentro de você veio de



la. É a voz do sangue. (Luiz avança para cima do pai no mesmo instante que Helena chega da rua. Helena larga tudo no chão e vai afastar os dois.)

HELENA - Você está doido, Luiz, largue ele... vamos, larga ele.

LUIZ - Velho nojento. Eu te mato.

LUIZ - (continua tentando matar o pai.)

HELENA - (Tentando afastá-la) Pare com isso. Pare com isso. (Afasta o irmão.) Não pode ser desta maneira. Assim não (Vai para o pai.) O senhor está bem? Espera um pouco que eu vou dar o remédio para o senhor (Prepara o remédio e olha clinicamente para o irmão.) Aqui está. Agora tome... isso. Agora vamos para o quarto (Leva o velho até a porta.) Está trancada. Onde está a chave?

LUIZ - Tome. (Dá a chave para a irmã.)

HELENA - (Abre a porta.) Agora o senhor vai descansar (Entra no quarto com o velho. Luiz anda nervoso pela sala. Helena volta.) Você está ficando maluco? Não percebe o que ia fazer?

LUIZ - Perdi a paciência.

HELENA - O que foi que aconteceu?

LUIZ - Não sei. Quando cheguei da escola, ele estava me esperando.

HELENA - Então, fez boa prova?

LUIZ - Que nada. Fiquei para segunda época. Foi uma droga.

HELENA - Não fique assim. Você vai conseguir. Tem de conseguir. Bem... você chegou em casa...

LUIZ - Aí ele me chamou de anormal.

HELENA - Anormal?

LUIZ - É. O cara ligou para ele e contou tudo.

HELENA - Mentira.

LUIZ - Verdade. Por isso ele estava me esperando.

HELENA - (Nervosa.) Ele contou tudo pro velho?

LUIZ - Acho que sim.

HELENA - Não pode ser! Espera aí. Vamos raciocinar com calma / (Pensa.) ele não pode ter contado tudo.

LUIZ - Por que não?

HELENA - Você viu quando eu dei o remédio para ele?

LUIZ - Claro que vi.

HELENA - Se ele tivesse contado tudo, ele não tomaria o remédio... mas, ele tomou.

LUIZ - Você tem razão. Você tem razão.

HELENA - Estranho.

LUIZ - O quê?



HELENA - Nada.

LUIZ - Deixa de segredos. Fala logo.

HELENA - Eu não entendo porque ele fez isso...

LUIZ - Pois eu sei muito bem. Nós não demos resposta nenhuma e ele disse que se a gente não resolvesse até ontem, que ele...

HELENA - Mas aí é que está...

LUIZ - O quê?

HELENA - Aí é que eu não entendo.

LUIZ - Eu não estou entendendo...

HELENA - Eu explico - Eu dei a resposta para ele ontem.

LUIZ - Não pode ser!!!

HELENA - Claro que pode. Eu fui até lá e combinei tudo com ele.

LUIZ - Não pode ser. Você está mentindo.

HELENA - Não estou mentindo não. Eu disse ao pai que ia fazer / compras, coisas que eu precisava para a casa, e fui até lá.

LUIZ - Mas... não é possível.

HELENA - O que há com você?

LUIZ - Nada... é... que... eu, eu. Não é nada. E depois?

HELENA - Bem, era o que você me disse. Ele quis dormir comigo...

LUIZ - Você não fez isso...

HELENA - Claro que fiz. Ele prometeu deixar o velho em paz. É por isso que eu não estou entendendo porque ele telefonou para cá.

LUIZ - Eu tenho de sair.

HELENA - Onde é que você vai?

LUIZ - Não sei. Vou dar uma volta. (Sai.)

HELENA - Fingindo. Não existe ninguém naquele endereço. Ele deve estar guardando todo o dinheiro em algum lugar (Remexe nas coisas do irmão.) Tem de estar em algum lugar. (Senta na cama e pensa um pouco. Vai até o armário perto da janela e procura nas gavetas. Acha um talão de cheques.) Aqui está. Puxa! Está se / garantindo. Safado (Toca o telefone.) Alô. Quem? Filho da mãe... é êle! Oi, como está passando? Quando é que a gente vai se encontrar novamente?... claro que gostei... não, não se preocupe... ele não está aqui, saiu para dar uma volta. (Ri fora do gancho.) Está bem, eu fico esperando pelo seu telefonema. Tchau. Pra você também (Desliga.) Que safadinho. (Vai até o armário e coloca o cheque no lugar. Arruma tudo direitinho. Arruma a cama e entra para a cozinha. Sai com um sanduiche e uma coca-cola. Senta na mesa.) O que será que ele está planejando agora? Que ladrãozinho esperto. No fim eu vou ficar sem nada. Filho da mãe. Que



burra que eu tenho sido. Ele é esperto... Ah! isso é ele...mas que cara... que cínico. Você está passando bem? Quando é que a gente se encontra? (Ri.). Não perde por esperar (Entra Luiz.) - Já voltou?

LUIZ - Já.

HELENA - Está com fome?

LUIZ - Estou. (Senta na cama, pensativo.)

HELENA - Eu vou fazer um sanduiche para você. (Entra na cozinha) Onde é que você foi?

LUIZ - A lugar nenhum. Fui só dar uma volta. (Helena volta com o sanduiche.) Obrigado.

HELENA - De nada. Você merece.

LUIZ - Eu não fiz nada.

HELENA - FÊZ... fêz sim. Você é um amor (Beija o irmão.)

LUIZ - Não estou entendendo. O que é que eu fiz?

HELENA - Você quase não matou o velho? Então... você merece uma recompensa.

LUIZ - AH!... é, você tem razão. Desculpe-me, é que eu estou / preocupado.

HELENA - Com o quê?

LUIZ - Nada. Deixa pra lá.

HELENA - Está bem.

LUIZ - Estou com muito sono, vamos dormir.

HELENA - Ótima idéia (Se preparam para dormir. Os dois deitam.) Você tem certeza de que não quer me dizer nada?

LUIZ - Claro. Não se preocupe. (Os dois tentam dormir.) (Luiz levanta e vai até o armário. Primeiro certifica-se que Helena está dormindo. Apanha o cartão de cheque.)

HELENA - O que é que você está fazendo aí?

LUIZ - (Sem jeito.) Nada... vendo umas coisas.

HELENA - Eu posso ver?

LUIZ - Não... quero dizer... não é nada importante.

HELENA - Deixa eu ver. O que é? Um talão de cheques?

LUIZ - É

HELENA - De quem? Seu?

LUIZ - É, meu.

HELENA - Eu não sabia que você tinha conta em banco.

LUIZ - Tenho. Não tenho muito lá não. Umas economias.

HELENA - Vamos, deixa eu ver.

LUIZ - Deixa pra lá. Não vale a pena.

HELENA - Deixa eu ver, só para matar curiosidade.

LUIZ - Outro dia você vê.



HELENA - (Fingindo tristeza.) Se você não quer que eu veja, é porque você perdeu a confiança em mim. Eu, que sempre te defendi...

LUIZ - Helena, eu...

HELENA - Não precisa mostrar não. Se você acha que eu não gosto mais de você, que não mereço mais o seu carinho e confiança, então não precisa mostrar.

LUIZ - Você jura que não vai ficar zangada comigo?

HELENA - Mas zangada por quê?

LUIZ - Bem... é, que... eu...

HELENA - Você não roubou esse dinheiro, não é?

LUIZ - Não.

HELENA - Então, por que é que eu vou ficar zangada?

LUIZ - Olha, eu vou te contar tudo. Mas você tem de escutar até o final.

HELENA - Está bem, eu prometo que ficou calada até você acabar.

LUIZ - Sabe, aquele dinheiro que eu vivo apanhando no cofre para dar para aquele cara, o que viu tudo, eu não dava todo para ele não. Eu entregava a metade para ele e guardava o resto. Eu jurei a mim mesmo que nunca mais eu passaria fome. Depois que o velho me deixou uma semana sem comer, eu decidi isso. É por isso que eu venho guardando esse dinheiro. Você não está zangada, está?

HELENA - Ainda não sei.

LUIZ - Como ainda não sabe?

HELENA - Eu não sei se você está dizendo a verdade.

LUIZ - Você está duvidando de mim?

HELENA - Não é bem isso. Você tem certeza de que não tem mais / nada para me contar?

LUIZ - Tenho. Eu não sei o que você quer dizer com isso.

HELENA - Não mesmo. Olha, eu só posso confiar em você, se você for sincero, se você me contar tudo.

LUIZ - Já percebi. Você está sacando, tudo, não é?

HELENA - Talvez. Como é que é? Vai contar tudo ou não?

LUIZ - O que é que você quer saber?

HELENA - Tudo. Por exemplo: Por que é que você me deu um endereço falso?

LUIZ - Eu tinha medo que você fosse lá falar com ele.

HELENA - É mentira. Ele não existe. Você já está mentindo de novo.



LUIZ - Está bem... está bem. Ele não existe. Foi por isso que eu te dei o endereço falso. Você podia ir lá e descobrir o filho.

HELENA - Pois eu fui. Você queria é ficar com todo o dinheiro / para você.

LUIZ - Você não entende...

HELENA - Entendo sim. Você queria me passar para trás. Eu, sua própria irmã. O que é que você acha, hein? Que eu também não te nho sofrido todos esses anos? Todos esses anos trancada aqui co mo uma escrava, cuidando dele e de você. Perdendo metade da mi- nha juventude. perdendo a companhia de outros rapazes e de ami- gos, deixando de ser uma pessoa normal. Sofrendo ao ver a maneir- ra de como vocês dois se agriDEM, se destroem. Eu pensei que com o tempo vocês se tornassem amigos, mas, o tempo fez com que eu ficasse como você. Foi minha piedade por você que me tornou má, fria, calculista. Eu tenho me dedicado a você, exclusivamen- te a você. Até matar, eu matei por você. Quando você me disse que queria eliminar o velho, eu concordei. Você acha que eu não quero ser como todo mundo? Você acha que eu gosto do que estou fazendo? Não, não gosto não.

LUIZ - Desculpe-me mana. Eu não sabia que tinha feito tanto mal a você. Olha, eu te dou a metade do dinheiro que eu tenho.

HELENA - Quanto é que você tem?

LUIZ - Ao todo doze milhões. Oito no banco e quatro dentro des- te livro (Apanha o livro).

HELENA - Não. Eu quero os doze milhões para mim.

LUIZ - Não. Isso não.

HELENA - Você não está entendendo. Eu não quero o seu dinheiro. Eu quero o do velho.

LUIZ - Mas como?

HELENA - Da mesma maneira que você conseguiu o seu. A gente faz chantagem com ele.

LUIZ - Você quer dizer os jogos. Eu pensei que você não gostasse disso.

HELENA - E não gosto. Não gosto que ninguém bote as mãos nos meus seios. Mas, agora é diferente, estou trabalhando para mim mesma. Eu vou deixar esse velho louco, louquinho da silva.

LUIZ - Eu vou telefonar sempre para ele contando coisas sobre o filho dele. Ele vai morrer de ódio.

HELENA - O que foi que você contou para ele?

LUIZ - No telefone?

HELENA - É

LUIZ - Eu disse que o filho dele dormia com um homem, que dava dinheiro para esse cara. Você sabe que o papai detesta viado. -



Ai quando eu cheguei, ele veio me sondando até que soltou a língua. Eu não tive dúvidas, mandei para cima dele uma história incrível.

HELENA - Que história?

LUIZ - Eu acho que isso você ainda não sabe: quando eu tinha oito anos, o jardineiro lá de casa...

HELENA - Qual? O José?

LUIZ - Ele mesmo. Pois é, ele tentou me alisar e eu contei tudo para a mãe. Ela disse ao pai e deu uma confusão dos diabos. Papai despediu o homem, me mandou para o colégio interno etc... - etc. Eu disse ao velho que gostava do José, que tinha ido ao quarto dele várias vezes...

HELENA - O velho deve ter tido um ataque...

LUIZ - Quase. Que eu gostava do que estava fazendo. Que no colégio eu aproveitei mais ainda. Que era viado sim.

HELENA - Nossa!!!

LUIZ - Que eu agora dava dinheiro para um cara, que gostava dele. E o pior, que eu era tudo isso porque eu fazia tudo o que / ele sempre quis fazer e nunca teve coragem.

HELENA - Essa foi demais. Pior que a vinha do vestido.

LUIZ - Que vestido? Você não me contou essa.

HELENA - Foi aquele dia que você chegou bêbado.

LUIZ - Eu estava fingindo.

HELENA - Agora eu sei, mas eu não sabia. Você apanhou o dinheiro e foi para a rua. Aí eu fiquei conversando com ele. De repente eu disse que tinha uma surpresa para ele, fui lá dentro e coloquei o vestido de noiva da mamãe. Aí eu começou a falar como ela, imité-la. Rir como ela ria. O velho não agüentou e saiu / correndo atrás de mim até que teve o ataque.

LUIZ - E ele não empacotou. Velho duro.

HELENA - Agora a gente vai fazer o seguinte: vamos excitar o velho cada vez mais até ele dar a chave do cofre, como sempre faz. Quando eu tiver a quantia que você tem, estivermos em igualdade monetária, a gente pára um pouco. Depois, o que conseguirmos será repartido irmãmente. Tá legal?

LUIZ - Falou. Vem cá, sua danada. (Os dois se abraçam.) Vamos / dormir hoje, como nós fazíamos quando eramos menores?

HELENA - Vamos (Separam-se e juntam as camas. Preparam-se para dormir e deitam abraçados.) Sabe que dia é amanhã?

LUIZ - Por quê?

HELENA - Por quê! Amanhã é dia 8 de março.



LUIZ - E daí?

HELENA - E daí!... é o dia em que...

LUIZ (Fica triste.) Já sei. Não precisa dizer.

HELENA - Acho que vou preparar um bolo para o velho.

LUIZ - Um bolo? Para quê?

HELENA - Nessas ocasiões a gente sempre faz um bolo.

LUIZ (Alegre.) É você tem razão. O velho vai adorar.

HELENA - Boa noite, Luiz.

LUIZ - Boa noite querida. (Deitam.)

BLACH - OUT

4º QUADRO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-425

(Helena e Luiz estão preparando a mesa. Helena entra na cozinha e atrás um bolo. Depois vai até o quarto e trás o velho).

HELENA - Calma papai, calma... Vem... isso. (Senta o velho.) Você já está melhor, não é?

PAI - Eu estou bem (Olha para Luiz.)

HELENA - Não olhe assim para ele. Sabe, ele quer falar com o senhor. Acho que quer pedir desculpas.

PAI - Hummmm...

LUIZ - (Aproxima-se.) Como é que o senhor está passando?

PAI - Agora estou bem.

LUIZ - Eu queria... que o senhor... me desculpasse. Eu perdi a paciência. Me descontroliei. Eu no fundo gosto muito do senhor, - Sabe?

PAI - Você me feriu muito, muito mesmo.

LUIZ - Eu sei, eu sei. Isso não vai se repetir, eu juro. Juro.

HELENA - Ele está arrependido. O senhor não vai perdoá-lo?

PAI - (Olha para o filho e depois para a filha.) Está bem. Eu o perdoo, vamos fazer de conta que nada existiu.

LUIZ - Obrigado pai, muito obrigado.

HELENA - Agora sim, a família está bonita. Todos se entendem.

PAI - Eu pensei que vocês nunca me perdoariam por ter abandonado nossa mansão para virmos viver aqui. Pensei que vocês ainda me culpassem pela morte (Pausa)... bem... Acho que de agora em diante nós nos entenderemos melhor... Que bolo é esse aí.?

HELENA - É para comemorarmos a reconciliação. (Luiz ri.)

LUIZ - Esse bolo aí é para...

HELENA - Você sabe muito bem para que é esse bolo aí...

LUIZ - Você tem razão.

PAI - Vocês estão muito misteriosos.

LUIZ - Não é nada. Vamos acender a vela.

PAI - Mas, quem faz anos hoje?

HELENA - Alguém.

PAI - Eu não sou. Nem vocês. Você (Para Helena.) é de outubro e seu irmão é de março. Para que a vela?... Ah! nós estamos em março. É sua vela.

LUIZ - Pense bem. Que dia é hoje?

HELENA - Pois é. Que dia é hoje?

PAI - Não sei.

HELENA - 8 de março.

LUIZ - Eu sou de 23 de março.

PAI - Então eu desisto. Não sei.

LUIZ - Sabe sim.

HELENA - Claro que sabe.

PAI - É de algum conhecido nosso? vocês convidaram mais gente?

HELENA - Não convidamos mais ninguém, mas, é o aniversário de uma pessoa que foi muito íntima da gente.

PAI - Não consigo me lembrar.

LUIZ - É o aniversário da mamãe.

PAI - Sua mãe fazia aniversário em julho.

LUIZ - Nós não estamos comemorando o seu natalício e sim sua morte.

HELENA - Pois é. 8 de março, o dia em que ela morreu.

PAI - Vocês não deviam fazer isso. É muita ruidade.

HELENA - 8 de março. O dia em que o senhor a matou.

LUIZ - O dia em que o senhor a assassinou.

HELENA - O dia em que o senhor se livrou dela para sempre.

PAI - PAREM COM ISSO. VOCÊS ESTÃO DOIDOS, DOIDOS.

HELENA - Não grite com a gente.

LUIZ - Se o senhor gritar de novo, vai apanhar.

PAI - Vocês não podem estar normais, estão fora de si.

LUIZ - Não estamos loucos não. Então o senhor poderia viver bem com a gente, não é? Nada disso. Vai pagar até o fim o que nos fez passar.

HELENA - Isso mesmo, até o fim.

PAI - O fim de quê?

HELENA - Da sua vida.

PAI - Vocês não têm o direito de me matar.

LUIZ - Claro que temos. É justiça familiar. O pai mata a mãe e os filhos matam o pai.

PAI - Vocês estão errados. Só as pessoas legítimas é que podem fazer isso, se é que podem.





HELENA - Mas, nós somos legítimos.

PAI - Isso é o que você pensa.

LUIZ - Qual é a sua agora, hein...???

PAI - Por que é que você acha que eu aturo tudo de você e dela não? Por que é que me aproveito dela e de você não...

HELENA - O senhor é um verme. Está querendo pô-la contra mim. - Eu sou sua filha tanto quanto ele.

PAI - Não é não. Quando eu casei com ela, ela já estava esperando do você.

HELENA - Mentiroso. MENTIROSO.

LUIZ - Você está é maluco. Quer salvar a pele e por isso está inventando essa história.

PAI - Eu não iria inventar uma coisa dessas. Vocês são irmãos / sim, mas não do mesmo pai. Só por parte de mãe. Ela não é minha filha. Só você. Juro que é a verdade.

LUIZ - Se é verdade eu não tenho nada que dar para você. Você não tem direito a nada.

HELENA - Você não pode fazer isso comigo. Ele está mentindo. Ele quer se salvar e você está acreditando nele. Não deixe ele fazer isso com a gente.

PAI - Ela está querendo é ficar com tudo. Muitas vezes falou comigo que queria que você sumisse para que vivêssemos sozinhos.

HELENA - Eu nunca fiz isso.

PAI - Fez sim. Você ia para a escola e ela ficava me fazendo companhia. Por isso é que eu gosto dos seios dela. Ela já foi minha várias vezes.

HELENA - MENTIRA, MENTIRA. Cala essa boca, velho nojento.

LUIZ - Não fale assim com ele. Você não tem o direito.

HELENA - Tenho o direito sim. Você não vi me dizer que está acreditando no que ele está falando.

LUIZ - Estou acreditando, sim.

HELENA - Você está doido. Olha...está bem... eu não discuto / mais... mas, antes, ele tem de comer o bolo.

LUIZ - O bolo?

HELENA - É. O bolo. Se ele comer o bolo eu aceito tudo.

PAI - Por que é que você quer que eu coma o bolo?

HELENA - Por nada.

PAI - O que tem dentro deste bolo?

HELENA - Nada. Nada.

LUIZ - Se ele comer, prova que ele está dizendo a verdade?

HELENA - Prova (Luiz parte o bolo e dá uma parte para o velho.)

PAI - Eu não vou comer.

LUIZ - Coma e eu fico do lado do senhor para o resto da vida. -
HELENA - Isso mesmo, coma. (O velho leva o garfo até a boca.) /
Mas, saiba que está envenenado.

LUIZ - O quê???

HELENA - (Apanha um pedaço de bolo e dá na boca do velho.) Va -
mos, abra essa boca. Coma... COMA.

(PAI cerra os dentes com força.)

HELENA - (Abre a boca do velho à força e mete um pedaço de bolo
dentro.) Então eu não sou sua filha, hein. Diz a verdade agora,
vamos, diga. Não vai passar muito tempo e o veneno começa a fa-
zer efeito. Só eu sei onde está o antídoto.

PAI - É verdade. Eu estava mentindo. Queria ganhar tempo antes
de vocês acabarem comigo.

LUIZ - O senhor estava mentindo?

PAI - Estava sim. Me dê o antídoto agora.

LUIZ - Seu nojento. Desculpe-me, mana. (Helena traz um copo de
água para o velho.)

HELENA - Toma.

PAI - (Bebe e se sente aliviado.) Quero ir para o meu quarto.
(Apanha as muletas e entra no quarto.)

HELENA - Você é mesmo um trouxa. (Vai até a mesa e serve-se de
uma fatia de bolo.) Você quer um pedaço?

LUIZ - Você está brincando.

HELENA - (Come o bolo) Está gostoso.

LUIZ - Você está maluca. É o veneno?

HELENA - Que veneno. Não tem veneno nenhum. Foi tudo um jogo.

LUIZ - Você não tinha posto nada no bolo?

HELENA - Claro que não.

LUIZ - Você é muito esperta. Desculpe-me, eu realmente sou um
burro. Um estúpido.

HELENA - Não foi nada. Qualquer um acreditaria. Ele sabe mentir
muito bem.

LUIZ - Velho safado. Amanhã a gente faz o jogo dos seios.

HELENA - Sim. Amanhã.

LUIZ - Me dá a sua mão (Helena dá a mão para o irmão, que a leva
até a janela.) É bom a gente estar assim juntos, muito bom.

HELENA - Eu também acho (Abraçam-se.)

BLACK - OUT

5ª CENA

(Luiz e Helena estão dormindo. O despertador toca. Helena bate
no relógio.)

HELENA - Você está dormindo?

LUIZ - Não. Já acordei.

HELENA - Será que hoje ele vai ter outro ataque?

LUIZ - Claro. Deixa por minha conta.

HELENA - O que é que você vai fazer?

(LUIZ vai falar quando escutam um barulho.)

OS DOIS: Acordou. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11,.....

PAI (Off.) Helena... Helena... (Silêncio.) HELENA. (O velho ri-
ca chamando Helena e o pono vai fechando.)



F I M

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.6242 - CEP 90020-025